

Maria Toscano

**De SilêncioS.** (dez teses poéticas e uma nota visual)

---

### **1. o silêncio pede**

pede-me, o silêncio,  
que acenda o pavio  
onde se embebe a chama da fala.

digo ao silêncio  
que a chama se alimenta  
do sol, dentro de cada ser  
a chispar fagulhas de imensidão.  
aviso o silêncio  
ser muito arriscado  
juntar letras vivas  
ensaaiar um fado sem culpa  
conjuguar o verbo da verdade  
acenar com a palavra inteira  
ninar a história e a utopia  
sublinhar a pureza da metáfora  
e alinhar num único verso  
a poesia que atíça o lume  
e alimenta todas as chamas  
e as fogueiras  
onde se aquecem os insatisfeitos e os audazes.

a tudo o silêncio guarda  
sereno  
entre o verbo inspirar e o verbo expirar  
na vértebra doce do colo amoroso  
enquanto se deita ao longo da noite  
aguardando que a luminosa  
chama da lua  
venha namorar o sol de onde chispa,  
de dentro do ser,  
a fagulha primordial e insatisfeita  
da chama que é a esmerada esperança  
intensa e aguada, fogueira e pagã.

### **2. soubesse eu dizer**

soubesse eu dizer o gesto  
e cada asa em voo suspendia o ar  
e cada rosa vermelha ofuscava o sol.

soubesse eu dizer o verbo  
e cada nobre incerteza devinha abraço  
e cada amplexo surdo abria-se em pulso e pão.

soubesse eu dizer a hora  
e cada instante dilatária a menina dos teus olhos  
e cada milénio buscaria o meu colo. ou o teu.

soubesse eu dizer a casa  
e cada milímetro quadrado onde caminho e te sonho  
vibraria em consonância com o alternar das marés.

soubesse eu dizer o mel  
e docemente morreríamos. já. assim.

### **3. soubesse eu falar**

soubesse eu falar e  
dir-te-ia da cor dos astros esta noite, da densidade do ar e da salgada névoa do olhar.

soubesse eu falar e  
explicava-te o teorema da refração dos sentidos, da explosão dos sentimentos e da  
[razia do medo.

soubesse eu falar e  
ensinava-te a conjugação dos gestos e dos lábios àquela hora e naquele cosmos  
universal onde te sonho.

mas a vida honrou-me com o grande silêncio.

eu agradeço à vida tal oferenda,  
há algum tanto tempo apartada ou ausente dos meus bens.  
e rejubilo, caladamente silenciosa.

embora haja uma contida tempestade de riso e canto a ameaçar alagar-me.  
embora haja uma indiscreta trovoada de mel salgado a ameaçar-me a casa.

ah, soubesse eu chover!

### **4. saber e não dizer**

saber o nome e não dizer.

saber a voz e não poder.

saber o ruído da queda de cada folha de Setembro

e desviar o olhar para outrosinhos abandonados.

por vezes a realidade alcança-nos  
enlaça-nos à revelia dos tempos e,  
entrega-nos a radical rebeldia.

.  
saber o nome, a voz e estremecer.

## **5. silêncio como espera**

as palavras também se calam quando chegam ao colo da ternura.  
ressoam depois entre os lábios do beijo ansiado.

toma este silêncio como espera  
pela boca de sílabas, o silêncio da entrega.

## **6. saudades das palavras**

tenho saudades das palavras.  
das tuas, íntimas e inesperadas  
sem voltas outras que as da encarecida chama  
tão fulgurante farta palpitante  
uma enxurrada de sílabas alucinadas  
na pureza do rastilho da verdade.  
tenho saudades — dizia a memória à mão.

e a mão fez-se dócil e acedeu  
às escarpas vertiginosas do nosso agora.

## **7. enquanto falas, o silêncio**

mesmo enquanto falas há silêncio, um silêncio enorme e belo, um silêncio desejoso de  
tua boca na minha, de tua língua na minha para depois devir — o silêncio — marulhar  
de abraços asas roçando-se devagar pelas rochosas rugas dos anos  
disfarçados com a minha alma da infância e a esperança da presente eternidade.

mesmo quando falas há asas.

inquieta de tão quietas a escutar, a escutar-te e à encantada fábula por onde espreitas  
e te defendes, esgueirando-te pelo lado de dentro da fala.

asas quietas e trémulas no fogo brando.

há muito cuidado desse fogo, agora reanimado por faúlhas roxas e douradas  
a entrarem-me pelo ar que inspiro e a saírem-me nas lavas e palavras que aro.

silêncio trémulo, de tão seguro e assombrado

pelo tom o timbre e o espírito que albergas.

só mesmo as duas cadelas, sábias, para apoiar-me nesta hora milagrosa da vida.

mesmo quando falas.

mesmo quando calas.

mesmo quando olhas.

pois olhas com a fala. calas no olhar. falas pelo silêncio.

há muito esse encantamento ateadado por um inefável gesto banal.

mesmo quando falas há silêncio, nasce.  
um silêncio cioso, ansioso e desejoso,  
o da minha boca a sonhar com os teus lábios,  
o da minha língua a endereçar-se para tua face, testa e tuas pestanas,  
e pelos finos trajectos da tua barba morena de anos,  
embora disfarçados com a alma da esperança — pois é tua a esperança  
da eternidade que intuis, aqui, por dentro do luminoso silêncio a gemer.  
esse silêncio vertido em abraços há-de ser minha rosa dos ventos, ciranda e  
moinho do vagaroso tactear tuas rugas, do meu cioso passo por entre os nossos  
muitos anos a devir juntinhos. juntinhos e baptizados no sal da trémula quieta e  
incansável luz: *a pequenina luz bruxuleante* de Sena, o sonho constante de Gedeão,  
o *mar* de Sophia, a *mátria* de Natália, a mãe de Eugénio,  
o centro do universo de Agostinho Baptista, e a cabeça febril de Herberto confiante,  
sempre, nos lugares das casas e das mulheres.

podes contar com a minha alma da infância.  
podes confiar na tua esperança.

mesmo enquanto falas faz-se presente  
pelo silêncio  
nossa estranha eternidade  
neste instante da revelação.

## **8. primeiro, o silêncio**

primeiro,  
o silêncio  
habitado do profundo laço dos braços.  
o silêncio  
distendido pelo corpo reencontrado  
de novo unido no encanto da admiração.

.

primeiro,  
o silêncio e a admiração  
cúmplices  
do vulcão do desejo a implodir no grande mar.

.

primeiro, meu amor,  
o silêncio.  
esse guardião e reduto  
do grande encontro e da fusão.

## 9. a pétala das gardénias

deixo ficar aqui a tal pétala silenciosa  
das gardénias da canção que às vezes canto  
*que tendrán todo el calor de un beso.*  
repara no que não digo: falo da pétala

não das duas flores perfeitas no sacrifício,  
desesperada oferta por, de antemão,  
o seu silêncio dizer traição e abandono.  
deixo aqui ficar a pétala de veludo branco

a verter seivas, há tempos aninhada  
nas páginas cálidas de um livro de poemas  
onde reverberam o encanto e o desencanto.

deixo à pétala seu destino de defumar  
o nosso caminho, de silenciar a dor  
e salvar o nosso mel de barro ardente.

## 10. só tu podes revelar

tu, que governas a esperança e a hesitação  
e vigias os momentos duvidosos  
entre a partida e o regresso do sal,  
tu, que ministras a calma e a paciência  
a cada movimento cilíndrico  
desde os fundos escuros à espuma clara,  
tu, que manejas correntes e turbilhões  
de pequeninos átomos que nos trazem o ar  
na sua dança graciosa invisível,  
tu, que reges as convenções marítimas  
guias a cadência dos astros submarinos  
e cuidas do poiso de animais submersos  
dos peixes alados e dos outros escamados  
dos feixes de algas, tegumentos e corais  
plâncton luminoso, cavalos marinhos  
tu, que alinhas as escarpas à passagem dos tubarões,  
tu, que avivas as cores no contraste com o negro  
de paredes e chãos do mais fundo chão do mar,  
tu, que habitas a doçura ondulante da transparência e  
dos doirados raios radiosos dos seres frágeis,  
tu, que animas a diferença entre estes seres delicados  
e os monstruosos e pesados viventes dos oceanos,  
tu, que és magno na extensão, no ondear e no mover,  
tu, de fluxo imensurável que cabe na palma da mão  
de cada criança inocente, ou dos poetas extasiados,

tu, que vigorosamente mostras a força da coragem,  
o valor da lealdade a todos os que passem e cuidem  
— tu, que ensinas a lealdade a viajantes, marinheiros,  
banhistas, pescadores, curiosos e aos enamorados —  
tu, magnífico horizonte de onde sempre se regressa  
e se recebe o perfeito eco de palavra grito riso ou choro,  
tu, que és limite confiável porque não te encerra o horizonte  
tu, mesmíssimo, que és o limiar adiantando-se ao nosso passo,  
tu, soberano caudal de memórias lágrimas e sonhos,  
*intacta ferida* de Ramos Rosa,  
*sonho impossível* de Betânia,  
*fogo que arde sem se ver* de Camões,  
*pequenina luz bruxuleante* de Sena,  
*o mais fundo da traição* de Eugénio,  
*o amar amar perdidamente* de Florbela  
e todas as palavras punhais - e as de cristal -,  
tu, âmago do poema, voz do drama  
protagonista das novelas amorosas  
tu, diamante para quem te conhece bem  
ameaça para temerosos ou incautos  
paisagem, paragem, ponte acessível para todos que te contemplem,  
tu — só tu — podes rasgar o silêncio do meu amor  
tu — só tu — revelar o nome, ao meu amor,  
para a esfuziante claridade que sente, para o exultante arrepio que o toca  
e para o lastro do enamoramento que o invade e sustém sem concessões.

---

Dos poemas: estes textos foram escritos de Junho de 2014 a Abril de 2019, entre Coimbra [ (C)Asa Verde, Centro Comercial Avenida e Casa do mercado]; Figueira da Foz; Porto [ Casa da Voz] e Lisboa [Cais das Colunas].

Da fotografia:

a) OU 2018, captação por Iphone em Matosinhos.

b) OU Vila nova de Gaia vista da Ribeira, no Porto, Dez 2024, by Lumix

---